

A gestão do futuro da indústria tecnológica e o sonho de uma Internet pública

Marcelo Arno Nerling⁸

Com o livro “Internet para o Povo”, Ben Tarnoff (2022) nos faz pensar sobre um tipo diferente de internet: para quem ela poderia funcionar e servir?

O futuro da indústria tecnológica é uma conversa que precisamos realmente ter.

Pelo retrovisor da história, há momentos-chave para o desenvolvimento da internet. A começar pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPANET), que em 1969, como a primeira rede pública de computadores, precursora da internet, entrou em funcionamento. Depois, em 1976, a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa (DARPA) ligou duas redes com o objetivo de “trazer o *mainframe* (macrocomputador) para o campo de batalha”. Em 1983, a ARPANET mudou para o *Transmission Control Protocol/Internet Protocol* (TCP/IP), definindo os protocolos de comunicação usados na Internet e várias redes de computadores, fundamentais para a Internet moderna. Em 1986, a *National Science Foundation* lançou a NSFNET (*National Science Foundation Network*), uma rede pública nacional, permitiu que mais pessoas – pesquisadores, em particular – a utilizassem para se comunicar). Os recursos públicos foram essenciais para estes desenvolvimentos, porque o setor privado não podia abraçar uma “ética de código aberto”, contra “o impulso comercial de travar os usuários em um sistema proprietário”.

⁸ Professor no Curso de Gestão de Políticas Públicas. Linha de Pesquisa: O direito e a gestão de políticas públicas: inovação e regulação. mnerling@usp.br

O livro *Internet for the People: The Fight for Our Digital Future* (Internet para o Povo: a Luta pelo Nosso Futuro Digital) mostra a dificuldade de identificar o verdadeiro problema com a Internet, quando a monopolização, a vigilância e qualquer outra série de questões são o resultado de uma falha muito mais profunda no sistema.

No centro da análise devemos colocar o tema da privatização: como ela aconteceu e que consequências teve para as infraestruturas e serviços que se tornaram inescapáveis? Em 1995, a *National Science Foundation Network* (NSFNET) - espinha dorsal pública da Internet -, foi fechada, e o lado infra estrutural da internet foi cedido a empresas privadas. Para Tarnoff, foi o produto de uma “falsa escolha” ditada pela indústria: “preservação do sistema como uma rede de pesquisa restrita ou para torná-la um meio de massa totalmente privatizado”.

A confiança cega “no mercado” e ampla agenda de desregulamentação e privatização, com as elites empresariais e políticas querendo que acreditássemos que não havia alternativa, especialmente na década de 1990. A privatização das fundações da internet deu “mais pilha” na retórica: privatizar era o único caminho para uma internet melhor, mais barata, e estímulo à inovação. No entanto, o resultado dessa privatização foi algo bem diferente.

Os monopólios tecnológicos modernos – empresas como Facebook, Google, Microsoft e Amazon -, empurram o lado infra estrutural da internet, compram mais dos cabos submarinos que conectam o mundo, construindo “impérios verticalmente integrados que controlam tanto os tubos quanto às informações dentro deles, eles estão refazendo a internet que foi construída até os anos 90 em uma forma ainda mais privatizada”. (Tarnoff, 2022)

A reorientação da rede mundial para atender às necessidades comerciais destas empresas acima de seus usuários, poda as novas empresas que estão buscando os meios para extrair lucro do que fizemos online. Estabelecer o modelo do shopping online, expandir a infraestrutura da nuvem, transformar o processo de produção de dados em um negócio lucrativo, e empurrar a internet para além da casa ou da mesa para muitos aspectos da sociedade, foi regra.

Os sonhos utópicos libertários dos anos 90, com esses desenvolvimentos, tiveram efeitos terríveis, e proporcionaram novos meios de exploração das pessoas marginalizadas, e nova onda de radicalização da direita, e ajudaram a criar um mundo ainda mais desigual. Abordar essas questões exige chegar à raiz do problema: a internet privatizada foi um fracasso! “Uma internet privatizada sempre será a regra de muitos controlados por poucos” (Tarnoff, 2022), uma tendência ligada ao próprio capitalismo.

O conserto da internet requer uma estratégia diferente: a desprivatização. O experimentalismo será fundamental e o futuro que ele prevê é um futuro onde a tecnologia assume um caráter muito diferente, porque ela muda de algo “que é feito às pessoas, e se torna algo que elas fazem juntas”. Não mais esperar para ver o que o Google ou a Amazon nos entregam: a tecnologia produzida por comunidades e coletivos para necessidades e fins muito diferentes é o que apontam os ventos de mudança.

No lado da infraestrutura, uma preferência pelas redes comunitárias, enfrentando a oposição do oligopólio das telecomunicações. Essas redes tendem a prestar melhores serviços a custos mais baixos, e priorizam as necessidades da comunidade sobre a dos acionistas das grandes corporações.

Uma internet desprivatizada exigirá soluções diferentes para diferentes aspectos da rede. Em alguns casos, eles mostraram uma preferência pela descentralização, enquanto em outros será necessária uma abordagem regional ou nacional, reforçam a ideia de que pensar sobre um tipo diferente de internet, para quem ela poderia funcionar e servir no futuro da indústria tecnológica, é uma conversa que precisamos ter.

Referências Bibliográficas

TARNOFF, Ben. Internet For The People - The Fight For Our Digital Future. Londres: Verso Books, 2022.

_____. The Internet Is Broken. How Do We Fix It? In: <https://www.nytimes.com/2022/05/27/opinion/technology/what-would-an-egalitarian-internet-actually-look-like.html>

OUTRAS PALAVRAS. O sonho de uma internet pública não acabou - Outras Palavras. <https://outraspalavras.net/tecnologia-emdisputa/sonho-de-uma-internet-publica-nao-acabou/>